

Rousseau e a botânica: uma *promenade* entre observação científica e contemplação

Emanuele Tredanaro

Professor de Filosofia na Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil

emanuele.tredanaro@dch.ufla.br

Resumo: Neste trabalho pretende-se apresentar algumas reflexões sobre a trajetória que leva Rousseau não apenas a aproximar-se à botânica, mas, sobretudo, a definir seu estatuto epistemológico, bem como metodológico. Nesse sentido, propõe-se mostrar em que termos – no interior do amplo panorama intelectual rousseauiano oriundo dos escritos e das cartas dos últimos três lustros da vida do filósofo genebrino – a botânica assume, para Rousseau, uma peculiar autônoma fisionomia e, ao mesmo tempo, torna-se paradigma para a própria filosofia.

Palavras-chave: Rousseau, botânica, epistemologia, *promenade*, observação, herborização.

Rousseau and botany: a 'promenade' between scientific observation and contemplation

Abstract: This paper aims to present some reflections about the trajectory that leads Rousseau not only to approach botany, but, above all, to define its epistemological as well as methodological status. In this sense, we propose to show in what terms – in the broad Rousseauian intellectual panorama related to writings and letters of the last sixteen years of the Genevan philosopher's life – botany assumes for Rousseau a peculiar autonomous physiognomy and, at the same time, becomes a paradigm for philosophy itself.

Key-words: Rousseau; botany; epistemology; *promenade*; observation; herborization.

A Elena, flor recém-brotada

Em 10 de julho de 1762, foragido há um mês¹, Rousseau consegue finalmente abrigar-se em Môtiers, no Val-de-Travers, sob a jurisdição do principado prussiano de Neuchâtel². A partir de então e ao longo dos últimos dezesseis anos de sua vida, Rousseau apaixona-se pela botânica³. Nesse sentido, a frequência, em Môtiers, do médico e botânico amador Jean-Antoine d'Ivernois⁴ representa um momento decisivo: “le goût de la botanique que j’avois commencé de prendre auprès du Docteur d’Ivernois donnant un nouvel intérêt à mes promenades me faisoit parcourir le pays en herborisant” (*Conf. XII, OC I, p. 631*)⁵. Trata-se de um marco – nos parece – na trajetória intelectual do pensador genebrino, o qual, a partir de então, não deixará de cultivar seu “gosto pela botânica”, conforme apontaremos ao longo deste trabalho, ao analisarmos notadamente alguns dos textos que Rousseau dedicará à botânica. Acompanharemos a cronologia da última parte da vida e da obra do filósofo, aproveitando para isso, inclusive, suas próprias reflexões autobiográficas, com o intuito de mostrar o amadurecimento quanto ao estatuto filosófico da botânica no pensamento rousseauiano. Nesse sentido, enfatizaremos algumas etapas fundamentais desse caminho, quais sejam: o encontro com a sistemática lineana, graças à qual Rousseau começa a enxergar de maneira diferente sua

Recebido em 30 de dezembro de 2017. Aceito em 18 de maio de 2018.



relação e interação com a natureza; a consolidação do sentido filosoficamente paradigmático da botânica, a partir da separação radical que Rousseau, desde cedo, concebe entre dois modelos de estudo da natureza, o do botânico e o do boticário; a *promenade* como performance de reflexão científica e meditação filosófica.

Muitos anos antes de 1762, Rousseau já experimentara, conflituosamente, “o gosto pela botânica”. Evocando os “dias felizes” de sua convivência com Mme. de Warens, a partir de 1731, em Chambéry, Rousseau revela que “le contentement que je voyois dans les yeux d’Anet revenant chargé de plantes nouvelles me mit deux ou trois fois sur le point d’aller herboriser avec lui. Je suis presque assuré que si j’y avois été une seule fois cela m’auroit gagné, et je serois peut-être aujourd’hui un grand botaniste” (*Conf. V, OC I, p. 180*). Se Rousseau reconhece que não há “étude au monde qui s’associe mieux avec mes goûts naturels que celle des plantes”, ao mesmo tempo não esconde que tal constatação é fruto de seu olhar retrospectivo, pois, “n’ayant alors aucune idée de la botanique, je l’avois prise en une sorte de mépris et même de dégoût; je ne la regardois que comme une étude d’Apothicaire” (*idem*). Afinal, o jovem Rousseau é atraído não propriamente pela botânica, mas sim pela simples herborização. Conforme sugerido pela menção a Claude Anet, o *intendant* de Mme de Warens, a herborização parece interessar o jovem Rousseau apenas por propiciar a possibilidade de caminhadas na natureza, longe de sua mesa de trabalho no gabinete da repartição saboiana de registros cadastrais, e, sobretudo, em companhia de Mme. de Warens⁶. Em 1731, a herborização, embora desde já percebida como etapa necessária da botânica, não é o objetivo – ou, ao menos, um dos objetivos – das caminhadas, mas ainda apenas pretexto para realizá-las. Ao contrário, apenas ao tornar-se objeto de verdadeiro interesse a partir de 1762, a botânica dará novo sentido às caminhadas de Rousseau, estas últimas sendo desde então visadas à herborização.

A botânica, de resto, é com todas as letras rejeitada com desgosto pelo jovem Rousseau, que nela ainda entrevê apenas uma corriqueira prática médica. “Ansi la botanique, la chymie et l’anatomie confondues dans mon esprit sous le nome de medecine, ne servoient qu’à me fournir des sarcasmes plaisans toute la journée” (*idem*). Na década de 1730, então, a botânica não assume para Rousseau um estatuto epistemológico específico, não desperta, portanto, nenhum interesse, aliás, é objeto de escárnio. Mesmo assim, desde seus primeiros contatos com ela, Rousseau explicita sua concepção anti-utilitarista da botânica, conforme ele retomará até as obras mais tardias: “Ces tournures d’esprit qui rapportent toujours tout à notre interest matériel, qui font chercher par tout du profit ou des remedes, et qui feroient regarder avec indifférence toute la nature si l’on se portoit toujours bien, n’ont jamais été les miennes” (*Rev. VII, OC I, p. 1065*)⁷.

Bem diferente será a relação de Rousseau com a botânica a partir da década de 1760, quando o interesse de Rousseau pelo estudo das plantas receberá sua primeira orientação por d’Ivernois, assim como pelo médico e botânico Abraham Gagnebin (cf. *Conf. XII, OC I, p. 611*) e pelo rico comerciante Pierre-Alexandre du Peyrou (cf. *Conf. XII, OC I, pp. 602-603*). Por eles Rousseau será levado a dar “novo interesse” às suas caminhadas e à prática da herborização, bem como à construção de herbários⁸, pois não apenas guiado na visita dos arredores de Neuchâtel e do Jura, mas, sobretudo, introduzido à literatura científica mais atual, em primeiro lugar as obras de Lineu⁹. Já na altura de sua estadia na ilha de Saint-Pierre, no lago de Bienna, entre setembro e outubro de 1765, Rousseau acaba

pour passer les trois ou quatre heures qui me restoient de la matinée à l’étude de la botanique et surtout du système de Linnaeus pour lequel je pris une passion dont je n’ai pu bien me guerir, même après en avoir senti le vide. Ce grand observateur est à mon gré le seul avec Ludwig qui ait vu jusqu’ici la botanique en naturaliste et en philosophe; mais il l’a trop étudiée dans les herbiers et dans des jardins et pas assez dans la nature elle-même. Pour moi que prenois pour jardin l’Isle entière; sitot que j’avois besoin de faire ou vérifier quelque observation, je courais dans les bois ou dans les près, mon livre sous le bras : là je me couchois par terre auprès de la plante en question pour l’examiner sur pied, tout à mon aise. (*Conf. XII, OC I, p. 643*).



É ao estudar criticamente o sistema de Lineu que Rousseau define sua atitude para com a botânica, basicamente – nos parece – a partir do desdobramento de duas questões correlatas entre si: a autonomia da botânica em relação à medicina e farmacopeia, e a observação direta das plantas na própria natureza, como etapa metodológica essencial à investigação botânica.

Na ilha de Saint-Pierre, Rousseau amadurece o projeto da *Flora petrinsularis*, uma catalogação e descrição completa de todas as plantas da ilha: “Les divers sols dans lesquels l’Isle quoique petite étoit partagée, m’offroient une suffisante variété de plantes pour l’étude et pour l’amusement de toute la vie. Je n’y voulois pas laisser un poil d’herbe sans analyse” (*Conf. XII, OC I, p. 642*). Além do evidente entusiasmo, deve ser destacado que, na empreitada – nunca levada a cabo¹⁰ – da *Flora petrinsularis*, é Lineu a guiar Rousseau: “en consequence de ce beau projet, tous les matins après le déjeuné, que nous faisons tous ensemble, j’allois une loupe à la main et mon *Systema naturae* sous les bras visiter un canton de l’Isle” (*Rev. V, OC I, p. 1043*). Rousseau, ao enxergar a botânica como naturalista e filósofo, conforme a lição lineana, aperfeiçoa sua crítica de sempre àqueles que costumam conceber a botânica como apêndice da medicina. A distinção é nítida:

l’art d’étudier les plantes par la combinaison de leur mixtes qui composent leur substance, l’art d’en déterminer les vertus medicinales vraies ou fausses soit par l’expérience et l’observation toujours imparfaite et trompeuse soit par l’analyse chymique encore plus fautive n’a rien de commun avec la botanique. (*Frag. Bot. 1, OC IV, p. 1249*);

enquanto

le botaniste étudie dans les vegetaux leur tissu, leur figure, leur organisation, leur generation, leur naissance, leur croissance, leur vie et leur mort. Il les peut considerer aussi par leur couleur, par leur gout, leur odeur, leur saveur, par toutes les prises qu’elles peuvent offrir au[x] sens; mais ce n’est là qu’une étude analogique et secondaire, pour éclairer et confirmer celle des formes. (*ibidem*).

O primeiro passo do fragmento deixa claro que, para Rousseau, se em questão estiver o conhecimento das plantas, a botânica não pode ser reduzida à farmacopeia. Esta última não pode atribuir-se o estatuto epistemológico próprio daquela, pois o suposto conhecimento das plantas conseguido pelo “estudo de boticário” fundamenta-se em uma “observação sempre imperfeita e enganadora”: as pretensas virtudes ou propriedades das plantas são reconhecidas pela mera observação dos efeitos que os preparados químicos provocam nos pacientes, conforme as mais variáveis circunstâncias, dependendo antes de tudo da resposta subjetiva e pessoal de cada um deles. Já em 1768 Rousseau escreve:

A l’égard de l’étude des plantes, permettez, Madame, que je la fasse en naturaliste, et non pas en apothicaire: car, outre que je n’ai qu’une foi très médiocre à la médecine, je connois l’organisation des plantes sur la foi de la nature, qui ne ment point, et je ne connois leurs vertus médicinales que sur la foi des hommes, qui sont menteurs. Je ne suis pas d’humeur à les croire sur leur parole, ni à portée de la vérifier. (*CG XIX, n. 3762, p. 16, carta de 2 de dezembro de 1768, à presidente de Verna*).

A mesma tônica será mantida alguns anos depois:

Quant aux préparations dont vous [le François] parlez et qui n’ont nul rapport à la botanique, je n’en ai pas vu chez lui [Rousseau] le moindre vestige; je ne me suis point aperçû qu’il eut fait aucune étude des propriétés des plantes, ni même qu’il y crût beaucoup. « Je connois », m’a-t-il dit, « l’organisation végétale et la structure des plantes sur le rapport de mes yeux, sur la foi de la nature qui me la montre et qui ne ment point; mais je ne connois leurs vertus que sur la foi des hommes, qui sont ignorans et menteurs; leur autorité a généralement sur moi trop peu d’empire pour que je lui en donne beaucoup en cela. (*Juge II, OC I, p. 833*).

Parece evidente que Rousseau esteja aqui recuperando o *leitmotiv* que perpassa amplamente as questões expostas no primeiro e segundo *Discours*, a saber, o contraste entre a vida natural, que abre o caminho para o alcance da essência das coisas, e a vida artificial, que, ao distorcer a natureza, acaba por mistificar a



verdade. Ao contrário da farmacopeia, que visa a adulteração artificial das plantas para seu aproveitamento medicinal, a botânica encontra seu propósito primário no estudo da própria estrutura e organização das plantas, isto é, de suas formas naturais. Rousseau até admite certo “estudo analógico” das plantas, mediante a análise daquelas que com Locke chamamos de qualidades secundárias; mas, conforme explicitado, trata-se apenas de um estudo eventualmente voltado à melhor compreensão e confirmação do verdadeiro objeto de investigação da botânica, as formas que nos mostram as plantas em sua essência. É tal estudo que permite ao botânico tornar-se filósofo, ou seja, ser instigado à indagação e ao conhecimento da natureza em geral, notadamente pela análise e compreensão da estrutura e organização última do reino vegetal, o mais rico e variado dos três (cf. *Lettres Bot.* I, OC IV, p. 1152), e o único que oferece a oportunidade de um estudo digno: “quelle différence de cette aimable étude à celle de l’anatomie dont l’horrible appareil revolte à la fois le cœur et les sens, et qui vous fait vivre avec des cadaveres ou à celle des minéraux, qu’il faut à grande fatigue arracher des entrailles de la terre et analyser à grands frais, souvent à grands risques dans des antes des Cyclopes” (*Frag. Bot.* I, OC IV, p. 1250)¹¹. Diferentemente do que ocorre, por um lado, na farmacopeia e na medicina, e, por outro, na zoologia anatômica e na mineralogia, na botânica reside a parte mais notável e valiosa do estudo do filósofo que investiga a natureza, pois “c’est dans l’examen de cette brillante parure, c’est dans l’étude de cette profusion de richesses que le botaniste admire avec extase l’art divin et le goût exquis de l’ouvrier qui fabrique la robe de notre mère commune” (*Frag. Bot.* I, OC I, p. 1249). A investigação botânica da natureza é que, afinal, leva à transcendência própria da reflexão filosófica¹².

Na medida em que a botânica é concebida como filosófica, Rousseau faz questão de abandonar a falsa ciência dos livros, para apelar ao único livro – o da natureza – em que pode ser encontrada a verdade:

il en est un [un livre] Madame, où vous savez si bien lire, et où je voudrais bien apprendre à épeler quelques mots après vous. Heureux qui sait prendre assez de goût à cette intéressante lecture pour n’avoir besoin d’aucune autre, et qui, méprisant les instructions des hommes, qui sont menteurs, s’attache à celles de la nature, qui ne ment point! (CG XVI, n. 3152, p. 101, carta de 20 de outubro de 1766, à duquesa de Portland)¹³.

Já na primeira carta à fidalga, Rousseau especificava que “plus l’esprit s’éclaire et s’instruit, plus le cœur demeure paisible. L’étude de la nature nous détache de nous-mêmes, et nous élève à son Auteur. C’est en ce sens qu’on devient vraiment philosophe; c’est ainsi que l’histoire naturelle et la botanique ont un usage pour la sagesse et pour la vertu” (CG XVI, n. 3116, p. 44, carta de 3 de setembro de 1766, à duquesa de Portland). Então, não nos livros dos *philosophes*, cujo intelectualismo onfalópico em nada eleva o homem, mas no livro que é a própria natureza, o qual todos podem diretamente interrogar, é que Rousseau busca o caminho para a filosofia, o qual a botânica proporciona, ao carregar-se, através do estudo da natureza em suas formas vegetais, de implicações práticas e morais. É o botânico que, como naturalista que reconhece a verdade à mostra na natureza, apresenta-se enfim, ao ver de Rousseau, como paradigma de filósofo, pois “le botaniste ne souffre point d’intermédiaire entre la nature et lui. Il n’admet pour vrai que ce qu’elle lui montre, il rejette tout ce que les hommes y veulent ajouter de leur chef” (*Frag. Bot.* I, OC IV, p. 1250)¹⁴. Ao contrapor-se à redução do estudo da natureza a estudo de meros mecanismos, ao mesmo tempo Rousseau rejeita o conúbio entre sensismo materialista e racionalismo lógico-matemático – conforme, por exemplo, sugere o *Système de la nature* de d’Holbach –, apelando, ao contrário, à centralidade do sentimento direto da natureza enquanto consciência imediata que leva para o inteligível¹⁵. A natureza permanece desconhecida em sua essência – notadamente quanto às formas das plantas – para o “œil ignorant” daqueles que, à procura de leis matemáticas, se limitam a “une admiration stupide et monotone”, não conseguindo ler o livro da natureza como sistema, em primeiro lugar, como “système végétal”: “ils ne voyent rien en détail, parce qu’ils ne savent pas même ce qu’il faut regarder, et ils ne voyent pas non plus l’ensemble, parce qu’ils n’ont aucune idée de cette chaîne de rapports et de combinaisons qui accable de ses merveilles l’esprit de l’observateur” (*Conf.* XII, OC I, p. 641).



Para Rousseau, trata-se, mais uma vez, de apreender a unidade harmônica da natureza como um todo em que, a partir, por exemplo, do estudo da estrutura e organização de uma flor, nos é possível tomar consciência de nós mesmos e do “artífice” do mundo. Assim a observação não para perante o detalhe, mas o aproveita para a admiração global¹⁶. Observação científica direta dos vegetais e admiração da natureza como um todo, longe de representarem termos contraditórios, tornam-se para Rousseau os limites de um *modus philosophandi* fluido, no qual a investigação analítica das formas de uma flor consegue, ao explicar e esclarecer a constituição ordenada da natureza, abrir para a *rêverie*, elevar a consciência para a intuição da totalidade do ser.

J'allois alors d'un pas plus tranquille chercher quelque lieu sauvage dans la forêt, quelque lieu desert où rien ne montrant la main des hommes n'annonçât la servitude et la domination, quelque asile où je puisse croire avoir pénétré le premier et où nul tiers importun ne vint s'interposer entre la nature et moi.

[...]

Bientôt de la surface de la terre j'élevois mes idées à tous les êtres de la nature, au système universel des choses, à l'être incompréhensible qui embrasse tout. Alors l'esprit perdu dans cette immensité, je ne pensois pas, je ne raisonnois pas, je ne philosopiois pas; je me sentois avec une sorte de volupté accablé du poids de cet univers, je me livrois avec ravissement à la confusion de ces grandes idées, j'aimois à me perdre en imagination dans l'espace, mon cœur resserré dans les bornes des etres s'y trouvoit trop à l'étroit, j'etouffois dans l'univers, j'aurois voulu m'élancer dans l'infini. (*Let. Mal.* 3, OC I, pp. 1139-1141, e CG VII, n. 1260, pp. 72-73, carta de 26 de janeiro de 1762, a Malesherbes).

Através do fluxo contínuo que se define entre a indagação direta do detalhe e o êxtase pela natureza, Rousseau ultrapassa a concepção mecanicista da natureza e recupera o nexos entre ciência, teleologia e metafísica. Nesse sentido, a botânica é a ciência que, mais que outras, se efetiva como filosofia, ao retomar a fé do vigário saboiano em uma vontade e inteligência suprema, a qual ordena a natureza em um sistema em que o homem possa reconhecer a si mesmo como espelho do divino:

je crois donc que le monde est gouverné par une volonté puissante et sage

[...]

toujours est-il certain que le tout est un, et annonce une intelligence unique, car je ne vois rien qui ne soit ordonné dans le même système et qui ne concoure à la même fin

[...]

je me trouve incontestablement au premier [rang] par mon espece : car par ma volonté et par les instrumens qui sont en mon pouvoir pour l'exécuter, j'ai plus de force pour agir sur tous les corps qui m'environnent, ou pour me prêter ou me dérober comme il me plaît à leur action [...] et, par mon intelligence, je suis le seul qui ait inspection sur le tout [...] je puis observer, connoître les êtres et leurs rapports, je puis sentir ce que c'est qu'ordre, beauté, vertu, je puis contempler l'univers, m'élever à la main qui le gouverne, je puis aimer le bien, le faire. (*Emile* IV, OC IV, pp. 580-582).

Condição necessária e suficiente para essa religião da natureza¹⁷ é a relação imediata com a própria natureza, sem que nada se interponha entre nós que a observamos e contemplamos, e ela que se nos mostra: “Je n'ai pas besoin qu'on m'enseigne ce culte, il m'est dicté par la nature elle-même” (*Emile* IV, OC IV, p. 583). Daí a reiteração da crítica à praxe – consolidada na época – de estudar as plantas “nos herbários e nos jardins”, míseros sucedâneos da natureza, pois, como os livros, lugares de fixação artificial. Essa mesma perplexidade Rousseau a demonstra para com Lineu, ao qual contesta, conforme visto, o escasso estudo das plantas “na própria natureza”. Tentar estudar os vegetais fora das relações vitais que se instauram na natureza, isto é, só a partir dos tratados de botânica ou das visitas aos jardins botânicos, equivale a tirar das plantas a vida que as caracteriza, equivale a torná-las matéria inerte.

Les végétaux ne sont aux yeux du botaniste que des êtres organiques, sitôt que le végétal est mort, qu'il cesse de vegeter, que ses parties n'ont plus la mutuelle correspondance qui le faisoit vivre et le constituoit, il n'est plus du ressort du botaniste, c'est une simple substance, une matière, un mixte, une terre morte, qui n'appartient plus dès lors au regne vegetal mais au mineral. Les medecins, les charlatans, les empiriques peuvent lui parler des vertus merveilleses des plantes mortes et décomposées, tout cela ne le regarde plus. (*Frag. Bot.* 1, OC IV, pp. 1249-1250).



A forma das plantas, observada na natureza, torna-se assim um princípio teórico geral, capaz de explicar como unidade orgânica a estrutura e organização das partes, conforme suas funções vitais. Para Rousseau, a botânica, enquanto ciência da ordem dinâmica da natureza vegetal, não pode se satisfazer nem com a mera nomenclatura¹⁸, nem com a simulação artificial da vida natural nos jardins e herbários, tampouco diz respeito à “análise química” de plantas mortas, isto é, transformadas em minerais. Ao contrário, pretende restituir o organismo vegetal em seus processos vitais, em seu natural desdobramento histórico¹⁹ de “nascimento, crescimento, vida e morte”. O botânico “quitte la plante au moment que le medecin s’en empare, il l’observe dans son état de vie, morte il l’étudie encore par l’anatomie, il la dissectionne et l’observe, mais soit que sa forme est détruite et qu’on la pile dans un mortier elle n’est plus rien pour lui” (*Frag. Bot.* 1, OC IV, p. 1250). Nem gera contradição o botânico se dedicar – conforme o próprio Rousseau faz, embora limitadamente²⁰ – também a uma segunda observação, anatômica, das plantas, e à sua sistematização em herbários. A observação direta das plantas, em seu curso natural de vida, permanece essencial, na medida em que tanto a observação anatômica quanto a conservação em herbários não desobedeçam à manutenção da forma: “dans de grandes et fréquentes herborisations il [Rousseau] a fait une immense collection de plantes; il les a dessechées avec des soins infinis; il les a collées avec une grande propreté sur des papiers qu’il ornoit de cadres rouges. Il s’est appliqué à conserver la figure et la couleur des fleurs et des feuilles” (*Juge II*, OC I, p. 832). Herborizar, dissecar e secar plantas tornam-se, em outros termos, atividades complementares à atividade primária de observação das plantas vivas em seu contexto natural; mais do que isso, trata-se de atividades que visam estimular novas observações na natureza, nunca ocupações que sejam fins em si mesmas ou por si só suficientes ao botânico. Nesse sentido, “non seulement il faut avoir plusieurs fleurs de pois et les disséquer successivement pour observer toutes leurs parties l’une après l’autre, il faut même suivre le progrès de la fructification depuis la première floraison jusqu’à la maturité du fruit” (*Lettres Bot.* III, OC IV, p. 1161).

A botânica, através do estudo das formas das plantas, leva assim ao estudo da natureza como sistema cujas estruturas e organizações se apresentam sempre dinâmicas, vivas: observar diretamente as formas dos vegetais corresponde a conhecer a natureza como processo de transformação constante, como conjunto de organismos vivos em perpétuo movimento.

Je n’ai ni dépense à faire ni peine à prendre pour errer nonchalamment d’herbe en herbe, de plante en plante, pour les examiner, pour comparer leurs divers caractères, pour marquer leurs rapports et différences, enfin pour observer l’organisation végétale de manière à suivre la marche et le jeu de ces machines vivantes, à chercher quelquefois avec succès leurs lois générales, la raison et la fin de leurs structures diverses, et à me livrer au charme de l’admiration reconnoissante pour la main que me fait jouir de cela. (*Rev.* VII, OC I, pp. 1068-1069).

Para Rousseau, em outros termos, a botânica deve acompanhar o curso da vida natural conforme se manifestar em seu livre jogo. O *methodos* adequado ao seu conhecimento é representado, literal e performativamente, pela *promenade*, a caminhada, o passeio, metáfora em Rousseau do movimento do próprio pensamento²¹. Ao contrário da marcha direcionada imposta pelos percursos didáticos dos jardins botânicos, em que o movimento é prescrito conforme trajetos que em vão pretendem replicar a história e a vida das plantas na natureza, a caminhada botânica sem meta ou itinerário preestabelecido visa, através de seu livre desdobramento, surpreender as plantas em “marcha” conforme seu “livre jogo” de relações e diferenças. O passeio voltado à observação das formas vegetais e à herborização pretende captar a natureza como ela se dá naturalmente à visão do caminhante, sem fim ulterior que não seja o do simples estudo das partes essenciais das plantas: “elles [les plantes] naissent sous nos pieds, et dans nos mains pour ainsi dire, et si la petitesse des leurs parties essentielles les derobe quelquefois à la simple vue, les instruments qui les y rendent sont d’un [...] facile usage [...] une pointe et une loupe sont tout l’appareil dont il [le promeneur] a besoin pour les observer” (*Rev.* VII, OC I, p. 1069). Até a simplicidade e leveza das ferramentas contribuem para ressaltar a liberdade de movimento da qual o botânico deve poder gozar em suas caminhadas.



Através da ênfase no andamento errante da *promenade* do botânico, Rousseau mais uma vez retoma também sua concepção anti-utilitarista da observação, análise e contemplação das plantas. Existe, conforme visto, um princípio norteador, o de reconduzir a multiplicidade da vida à ordem da natureza, cognoscível como sistema organizado por uma inteligência e vontade superior. Tal princípio encontra sua paradigmática expressão na taxonomia lineana, através da possibilidade de aproximar as famílias de modo que seja visível a passagem de uma para a outra²²; de subordinar as espécies aos gêneros e às famílias²³; de especificar o “caráter essencial”²⁴ de cada planta, a partir do qual é possível remontar do detalhe à “ideia geral”²⁵. Todavia,

il y a dans cette oiseuse occupation un charme qu'on ne sent que dans le plein calme des passions mais qui suffit seul alors pour rendre la vie heureuse et douce : mais sitôt qu'on y mêle un motif d'intérêt ou de vanité, soit pour remplir des places ou pour faire des livres, sitôt qu'on ne veut apprendre que pour instruire, qu'on n'herborise que pour devenir auteur ou professeur, tout ce doux charme s'évanouit, on ne voit plus dans les plantes que des instruments de nos passions, on ne trouve plus aucun vrai plaisir dans leur étude, on ne veut plus savoir mais montrer qu'on sait [...]; ou bien se bornant à la botanique de cabinet et de jardin tout au plus, au lieu d'observer les végétaux dans la nature, on ne s'occupe que de systèmes et de méthodes; matière éternelle de dispute qui ne fait pas connaître une plante de plus et ne jette aucune véritable lumière sur l'histoire naturelle et le règne végétal. (Rev. VII, OC I, pp. 1069-1070).

As desinteressadas caminhadas do botânico revelam-se assim absolutamente sem destino: só uma “ocupação ociosa”²⁶ cujo fim se encontra nela mesma, despojada de qualquer intuito que não seja o do próprio conhecimento da beleza da ordem vivente da natureza. Livros, cátedras, gabinetes e jardins acabam apenas por tornar o estudo das plantas um meio para alimentar certo orgulho interesseiro. Até as noções de sistema e método, quando oriundas de um estudo artificializado das plantas, perdem, na leitura de Rousseau, seus sentidos genuínos para a botânica, pois o sistema não apontará mais para a natureza como todo organizado conforme a ordem divina, em que podemos nos reconhecer; nem o método para aquela *promenade* em que harmonizam-se observação científica da natureza viva e sua contemplação.

NOTAS

1. Em 9 de junho de 1762, após o confisco do *Emile* pela polícia e a denúncia da obra à Sorbona, o Parlamento de Paris manda queimar os exemplares em circulação e decreta a prisão de Rousseau, o qual foge para a Suíça. Nas semanas seguintes, medidas idênticas são tomadas pelo Pequeno Conselho de Genebra, a censura envolvendo além do *Emile* também o *Contrat social*. Ao início de julho, o governo de Berna – sob cuja jurisdição se encontra a cidade de Yverdon, aonde Rousseau chegara aos meados de junho – acolhe as deliberações das autoridades genebrinas e decreta a expulsão de Rousseau do território bernês. Sobre a relação entre as perseguições e o surgimento do “gosto pela botânica”, cf. GAGNEBIN, 1962, p. ix.

2. Graças à intermediação do governador do principado, Georges Keith (Mylord Marechal), Federico II concede asilo político a Rousseau (cf. Conf. XII, OC I, p. 599), que recebe, em apenas pouco mais de um mês após sua chegada a Môtiers, a autorização imperial a permanecer em território prussiano (cf. CG VIII, n. 1502, pp. 83-84, carta de 24 de agosto de 1762, de Mylord Marechal a Rousseau).

3. Devido geralmente às vicissitudes de sua vida, várias vezes Rousseau desfaz-se de seus livros. Quando, em 1767, já refugiado na Inglaterra, tem que vender sua biblioteca, Rousseau poupa só os livros de botânica (cf. CG XVI, n. 3291, p. 344, carta de 2 de março de 1767, a Dutens). Só tardiamente, poucos anos antes de sua morte, Rousseau desfaz-se de seus livros de botânica (cf. CG XX, n. 4127, p. 320, carta de 11 de julho de 1776, à duquesa de Portland), bem como de seus herbários, vendendo-os ao reverendo Daniel Malthus, pai do economista (cf. Juge II, OC I, p. 832).

4. O papel de d'Ivernois em relação à redescoberta da botânica por parte de Rousseau é retomado também em Rev. V, OC I, p. 1042, e Rev. VII, OC I, p. 1060.



5. Para todas as citações de Rousseau propostas ao longo trabalho, optamos por respeitar a grafia e morfologia da língua francesa da época, bem como o uso da primeira pessoa, quando se tratar de textos autobiográficos.

6. “Après le diné nous gagnames l’ombre sous de grands arbres où tandis que j’amassois des brins de bois sec pour faire notre caffè, maman s’amusoit à l’herboriser parmi les broussailles, et avec les fleurs du bouquet que chemin faisant je lui avois ramassé elle me fit remarquer dans leur structure mille choses curieuses qui m’amusèrent beaucoup et qui devoient me donner du gout pour la botanique, mais le moment n’étoit pas venu ; j’étois distrait par trop d’autres études” (*Conf. VI*, OC I, p. 245). Trata-se, além da filosofia, do desenho e, sobretudo, da música (cf. *Conf. V*, OC I, pp. 180-181).

7. Sobre a botânica como atividade cuja finalidade reside em si mesma, cf., por exemplo, TODOROV, 1985, p. 51.

8. Parece encontrar pouco respaldo a leitura proposta por STAROBINSKI, 1971, p. 318 ss., segundo o qual os herbários de Rousseau representariam o resultado de uma mera atividade rotineira de coleção. O próprio Rousseau enfatiza a importância de tal atividade, a qual serve “pour persuader à ceux qui savent combien ce travail exige de tems et de patience qu’il [Rousseau] en fait son unique occupation (*Juge II*, OC I, p. 832). Realmente Rousseau, a partir de 1768 e até sua morte, não parará de construir herbários, enviando alguns aos seus correspondentes (cf. OC I, p. 1686 nota 3, e OC IV, pp. 1888-1992). Sobre o papel dos herbários como meio de comunicação e debate no interior da comunidade científica dos botânicos da França do século XVIII, cf. COOK, 2003, p. 108.

9. Entre 1764 e 1766, Rousseau já está na posse das principais obras de Lineu: *Systema naturae*, *Philosophia botanica*, *Species plantarum* e *Genera plantarum* (cf. DURIS, 1993, p. 104). De todo modo, além de Lineu, Rousseau mostrará amplo conhecimento dos autores de referência a ele contemporâneos (sobretudo Tournefort, os irmãos Bauhni, Jussieu, Haller, Adanson), conforme provado pela introdução aos *Fragmens pour un dictionnaire des termes d’usage en botanique* (cf. *Dict. Bot.*, OC IV, pp. 1201-1209), na qual se reconstrói a história da botânica. Cf. também DROUIN, 2003, pp. 81-82.

10. Em meados de outubro de 1765, o Pequeno Conselho de Berna expulsa Rousseau do território bernês, sob cuja jurisdição encontra-se Bienna. Ao fim do mês Rousseau deixa a ilha de Saint-Pierre e a Suíça, e, após breves estadias em Estrasburgo e Paris, chega a Londres em janeiro de 1766, acompanhado por Hume. Após algumas semanas em Chiswick, Rousseau se estabelece na cidade de Wootton, perto da qual encontra-se o castelo de Calwich. Aqui Rousseau conhece Margaret Cavendish Harley, duquesa de Portland e botânica experiente, com a qual Rousseau instaurará uma fecunda correspondência epistolar, além de aproveitar de sua companhia durante as herborizações realizada no ano e meio passado na Inglaterra.

11. Sobre a promoção do reino vegetal em detrimento do animal e do mineral, cf. SPALLANZANI, 2003, pp. 121-124.

12. Sobre a relação entre filosofia e botânica, cf., por exemplo, ARLER, 2004, pp. 133-151.

13. “Je donc refermé tous les livres. Il en est un seul ouvert à tous les yeux, c’est celui de la Nature. C’est dans ce grand et sublime livre que j’apprends à servir et adorer son divin Auteur : nul n’est excusable de n’y pas lire, parce qu’il parle à tous les hommes une langue intelligible à tous les esprits” (*Emile IV*, OC IV, pp. 624-625).

14. Retomamos aqui a mesma sequência de citações proposta *supra*, lembrando, após a continuação do primeiro *Fragment de botanique*, a dos outros dois textos mencionados: “Ansi, quant à moi, j’aime cent fois mieux voir dans l’email des prés des guirlandes pour les bergères que des herbes pour les lavemens” (CG XIX, n. 3762, p. 16, carta de 2 de dezembro de 1768, à presidente de Verna); “D’ailleurs cette étude [des propriétés], vraye ou fausse, ne se fait pas en plein champ comme celle de la botanique, mais dans les laboratoires et chez les malades” (*Juge II*, OC I, p. 833).

15. Cf. CASSIRER, 1932, p. 105, em que o sentimento é definido “cidadão de dois mundos”.

16. Segue-se a leitura proposta por RAYMOND, 1986, p. 133.

17. Para a ênfase na instância religiosa da botânica em Rousseau, cf. CANTOR, 1985, pp. 368-372.



18. Embora Rousseau mostre certo desdenho em relação à nomenclatura “qui n’est qu’un savoir d’herboriste” (*Lettres Bot.* I, OC IV, p. 1152), ao mesmo tempo, reconhece sua importância: “je demande à tout lecteur sensé comment il est possible de s’attacher à l’étude des plantes, en rejetant celle de la nomenclature? C’est comme si l’on vouloit se rendre savant dans une langue sans vouloir en apprendre les mots” (*Dict. Bot.*, OC IV, p. 1209).

19. Em seu escrito *Über den Gebrauch teleologischer Principien in der Philosophie*, de 1788, Kant distinguirá, no âmbito da investigação da natureza, os termos *Physiographie*, para indicar “a descrição da natureza”, e *Physiognomie*, para indicar “a história da natureza” (cf. ÜGTP, AA 08: 163.03, nota 1).

20. “Je ne puis faire cette étude à mon gré fautes des instrumens nécessaires, comme microscopes de diverses mesures de foyer, petites pincen bien menues semblables aux brusselles des Joyaillers, ciseaux très fins à découper” (CG XIII, n. 2614, p. 274, carta de 29 de abril de 1765, a Du Peyrou).

21. Sobre o pensamento de Rousseau como pensamento em movimento, cf. CASSIRER, 1932, p. 38.

22. “Les parties que je viens de vous nommer se trouvent également dans les fleurs de la plupart des autres plantes, mais à divers degrés de proportion, de situation et de nombre. C’est par l’analogie de ces parties et par leurs diverses combinaisons que se marquent les diverses familles du regne végétal” (*Lettres Bot.* I, OC IV, p. 1154). Evidentemente Rousseau está aqui se referindo à analogia formal entre partes estruturais de plantas pertencentes a diferentes famílias, não mais ao estudo das plantas pela analogia que diz respeito às suas qualidades secundárias.

23. “Elles [les crucifères] sont bien claires dans peu de genres, quoiqu’on en trouve des vestiges presque dans tous, et c’est à force d’analyser des fleurs en croix et d’y voir toujours des inégalités au réceptacle, qu’en les examinant en particulier, on a trouvé que ces glandes appartenaient au plus grand nombre des genres, et qu’on les suppose par analogie dans ceux mêmes où on ne les distingue pas” (*Lettres Bot.* V, OC IV, p. 1171).

24. “[...] mais elle [cette longue description] étoit nécessaire pour vous donner le caractère essentiel de la nombreuse famille des Crucifères ou fleurs en croix, laquelle compose une classe entière dans presque tous les Systèmes des Botanistes; et cette description difficile à entendre ici sans figure vous deviendra plus claire, j’ose l’espérer, quand vous la suivrez avec quelque attention ayant l’objet sous les yeux” (*Lettres Bot.* II, OC IV, p. 1158).

25. “[...] je crois néanmoins vous en [de nos cinq premières familles] avoir donné une idée suffisante, pour pouvoir, après quelques mois d’herborisation, vous familiariser avec l’idée générale du port de chaque famille : en sorte qu’à l’aspect d’une plante, vous puissiez conjecturer à peu près si elle appartient à quelqu’une des cinq familles et à laquelle; sauf à vérifier ensuite par l’analyse de la fructification si vous vous êtes trompée ou non dans votre conjecture” (*Lettres Bot.* VI, OC IV, p. 1179).

26. “La botanique, telle que je l’ai toujours considérée, et telle qu’elle commençoit à devenir passion pour moi, étoit précisément une étude oiseuse” (*Conf.* XII, OC I, p. 641).

REFERÊNCIAS

ARLER, F. 2004. Jean-Jacques Rousseau: Philosopher as Botanist. In: OKSANEN, M.; PIETARINEN, J. *Philosophy and Biodiversity*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 133-151.

CANTOR, P. A. 1985. The Metaphysic of Botany. Rousseau and the New Criticism of Plants. *Southwest Review*, vol. 70, n° 3, pp. 362-380.

CASSIRER, E. 1932. Das Problem Jean-Jacques Rousseau. *Archiv für Geschichte der Philosophie*, vol. 41, n° 1 e n° 3, pp. 177-213 e pp. 479-513. As citações se referem a: *A questão Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.



COOK, A. 2003. Les réseaux d'échange botanique. In BENSAUDE-VICENT, B.; BERNARDI, B. *Rousseau et les sciences*. Paris: L'Harmattan, pp. 93-114.

DROUIN, J.-M. 2003. Les herborisations d'un philosophe. In BENSAUDE-VICENT, B.; BERNARDI, B. *Rousseau et les sciences*. Paris: L'Harmattan, pp. 77-92.

DURIS, P. 1993. *Linné et la France (1780-1850)*. Genève: Droz.

GAGNEBIN, B. 1962, Introduction. In: GAGNEBIN, B. *Lettres de J.-J. Rousseau sur la botanique*. Paris: Club des Libraires de France.

RAYMOND, M. 1986. *J.-J. Rousseau. La quête et sa rêverie*. Paris: Corti.

ROUSSEAU, J.-J. *Correspondance générale* (CG). Org. por Théophile Dufour. Paris: Colin, 1924-1934, 20 volumes.

– Tome VII: *Le Contrat Social et l'Emile* (Décembre 1761-Juin 1762).

– Tome VIII: *Rousseau à Môtiers* (Juillet 1762-Janvier 1763).

– Tome XIII: *Sacrosgorgon, ou la guerre de Môtiers* (Février-Juin 1765).

– Tome XVI: *Suite du séjour en Angleterre* (Août 1766-Mars 1767).

– Tome XIX: *Les Confessions terminées, Rousseau quitte Bourgoin pour Paris. Arrêt à Lyon* (Novembre 1768-Septembre 1770).

– Tome XX: *Rousseau est rentré à Paris. Il botanise au Jardin du Roi. Il meurt à Ermenonville* (Septembre 1770-3 Juillet 1778).

_____. *Œuvres complètes* (OC). Org. por Bernard Gagnebin e Marcel Raymond. Paris: Gallimard, 1959-1995, 5 volumes.

– *Les confessions* (Conf., OC I, pp. 1-656).

– *Émile ou De l'éducation* (Emile, OC IV, pp. 239-868).

– *Fragments de botanique* (Frag. Bot., OC IV, pp. 1249-1256).

– *Fragmens pour un dictionnaire des termes d'usage en botanique* (Dict. Bot., OC IV, pp. 1199-1247).

– *Lettres à Malesherbes* (Let. Mal., OC I, pp. 1130-1147).

– *Lettres sur la botanique* (Lettres Bot., OC IV, pp. 1149-1197).

– *Les rêveries du promeneur solitaire* (Rev., OC I, pp. 993-1099).

– *Rousseau juge de Jean-Jacques* (Juge, OC I, pp. 657-992).



SPALLANZANI, M. 2003. Rousseau et l'histoire naturelle. In BENSUADE-VICENT, B.; BERNARDI, B. *Rousseau et les sciences*. Paris: L'Harmattan, pp. 115-132.

STAROBINSKI, J. 1971. *Jean-Jacques Rousseau: la transparence et l'obstacle*. Paris: Gallimard. As citações se referem a: *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TODOROV, T. 1985. *Frêle bonheur. Essai sur Rousseau*. Paris: Hachette.